

PERSPECTIVAS ESTÉTICAS EM *O FILHO DO PESCADOR*, DE TEIXEIRA E SOUSA: O ROMANCE-FOLHETIM COMO MÍDIA

Noêmia Coutinho Pereira Lopes*
Maria Generosa Ferreira Souto**

O folhetim é frutinha de nosso tempo.
Machado de Assis

Resumo

Esta comunicação postula discutir perspectivas estéticas do romance-folhetim “O filho do pescador”, de Teixeira e Sousa, uma mídia impressa a serviço da construção de um perfil para o leitor do final da primeira metade do século XIX. Ao apresentar ao público uma narrativa carregada de digressões, peripécias, redenção e moral dos fatos, Teixeira e Sousa oportunizou a jovens, semi-letrados e mulheres o contato e o gosto pela leitura literária, através da mídia-jornal, linguagem de fundamental importância naquele período, pelo fácil acesso de alcançar o texto. O folhetim trouxe à tona a liberdade de criação e do fazer literário com função comercial, tornando o autor conhecido pelo público leitor do século XIX. Com isso, é válido indagar por que Teixeira e Sousa encontra-se sem voz que ecoa no cânone literário? Estaria a obra necessitando de uma revitalização junto aos manuais de literatura, não como o precursor do Romantismo no Brasil e sim como um romance-folhetim de sucesso? Para essa análise, utilizaremos os postulados de Marlyse Meyer e Mônica Yumi Junzenji, em torno da estrutura do folhetim, da cultura impressa e da educação da mulher no século XIX.

Palavras-chave: folhetim; Teixeira e Souza ; fazer literário

* Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes Mestrado em Letras/Estudos Literários noemiacoutinho@hotmail.com.

** Prof^a. Dr^a. em Comunicação e Semiótica (Orientadora) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP

1. Construção da identidade nacional e o crescimento das tipografias

Quando se pensa em construção de uma identidade nacional, raramente não seremos remetidos ao período em que a família real chega ao Brasil, ainda em 1808. Com a instalação da imprensa régia, deu-se início ao nascimento e expansão de publicações em periódicos. A princípio como meio de divulgação de ordens dos governantes, para pouco tempo depois, com as discussões em torno de um iminente grito de independência, se espalhar pelas cidades. As tipografias trabalhavam praticamente com a capacidade máxima e muitos passaram a ver um grande potencial nesse meio de divulgação de informações. Segundo Mônica Yumi Jinzenji,

Pasquins, folhetos e panfletos dividiam o espaço, nas rotinas das tipografias, com os jornais, que eram utilizados como veículo para expressão e o debate das temáticas que fervilhavam no momento. Ideias relacionadas à liberdade, constituição, patriotismo, confrontadas com as de despotismo, tirania e escravidão, passaram a circular entre os leitores através dessas folhas periódicas, que constituíam um espaço político de coalizões e enfrentamentos, protagonizando “uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes (JINZENJI, 2010, p. 20).

Em meio a esse cenário, surgem, então, ideias a fim de alavancarem as vendas dos periódicos, já tão consagrados na Europa: os folhetins, importante mídia para a

divulgação da literatura brasileira em prosa, no século XIX. A partir dos postulados de Marlyse Meyer sobre o folhetim (do francês *feuilleton*, folha de livro), ela esclarece-nos que o folhetim é uma narrativa literária, seriada dentro dos gêneros prosa de ficção e romance. Possui duas características essenciais: quanto ao formato, é publicada de forma parcial e sequenciada em periódicos, quanto ao conteúdo: apresenta narrativa ágil, profusão de eventos e ganchos intencionalmente voltados para prender a atenção do leitor. Surgido na França no início do século XIX, junto ao nascimento da imprensa, o folhetim foi importado para o Brasil logo depois, fazendo enorme sucesso na segunda metade do século XIX. Eram publicados diariamente em jornais da capital do Império (Rio de Janeiro) e jornais do interior, em espaços destinados a entretenimento. A possibilidade das tramas era infinita e buscava ilustrar com realismo e emoção a miséria da condição humana. Apresentavam múltiplas opções de enredo: de assuntos frívolos a sérios, de conversas particulares a acontecimentos políticos. Ao tratar de amenidades e da vida da classe média, o folhetim se aproximava do realismo literário. Também realizava um registro da vida cotidiana típico do jornalismo, mas não com a pretensão de registrar a Verdade, mas apenas de ser verossímil. Assim, despertou o interesse das camadas mais pobres pela leitura e colaborou com a construção de uma nova identidade nacional urbana.

Segundo Antonio Candido, "O romance, com efeito, exprime a realidade segundo um ponto de vista diferente, comparativamente analítico e objetivo, de certa maneira, mais adequado às necessidades expressivas do século XIX." (CANDIDO, 2012, p. 429). E, para atender à nova maneira de se pensar o fazer literário e ao público-leitor que se formava então, o Romantismo veio oferecer uma gama de opções de temas e maneiras de se apresentar, sendo o folhetim a mais popular. Ainda de acordo com Candido, "Além deste motivo de natureza artística, outros intervieram para facilitar sua voga. Em primeiro lugar a ampliação do público leitor, devida à participação mais efetiva do povo na cultura, depois dos movimentos democráticos." (CANDIDO, 2012, p. 430). Com isso, acelerou, ainda, a assimilação de modelos de comportamento europeus, tais como o uso do veludo no vestuário, a disseminação do piano como instrumento doméstico e o surgimento de saraus familiares. Sucesso absoluto de leitura literária. (MEYER, 1996, p. 57)

2. Jornal e público-leitor na primeira metade do século XIX

No Brasil, não apenas os homens liam jornais em busca de informações sobre os rumos que a política no país estava tomando. Ao lado desses leitores, encontramos os jovens estudantes e as mulheres, que viam nessa mídia um meio também de entretenimento. Cientes disso, os mecenas percebem uma oportunidade de fazer dinheiro e vão à busca de escritores que possam, nos rodapés dos jornais, escreverem seus textos com o objetivo primeiro de entreter o público, prendendo a atenção dos leitores e, com a fórmula do "continua na próxima edição", garantir a alta vendagem dos jornais. De acordo com Marlyse Meyer,

Aquele espaço vale-tudo suscita toas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos – o Caderno B, em suma (MEYER, 1996, p. 57-58).

Vivíamos o início do Romantismo no Brasil, época de construção de um ideal de nação, da busca de uma identidade nacional. Afinal, com o advento da independên-

cia, era preciso que o país encontrasse seu lugar rumo ao sol. As atividades políticas alimentavam a imprensa periódica que cada vez mais se estabelecia. Os jornais passavam desde as mãos dos senhores burgueses, preocupados em acompanhar as últimas notícias, como pelas mãos das cinderelas casadoiras, chegando até mesmo aos escravos alfabetizados. Noticiavam os recentes acontecimentos, mas traziam leituras que prendiam a atenção de uma parte desse público, que assim que terminado o capítulo, já ansiava pela próxima publicação.

Normalmente quando nos deparamos com teorias sobre o início do Romantismo no Brasil, alguns nomes como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Bernardo Guimarães e Visconde de Taunay são recorrentes, e, por vezes, aclamados como os maiores autores da época. No entanto, faz-se necessário refletir sobre os demais autores que fizeram parte dessa época e que também colaboraram para o impulso que a literatura tomou desde então. Não queremos aqui desconsiderar os cânones, porque imensamente contribuíram para a cultura literária do país. Entretanto, algo chama a atenção: e os outros autores? Só há realmente lugar para o cânone? Numa época em que se buscou construir um ideal de nação pós-independência, muito pode ter sido censurado, boicotado ou mesmo ignorado por quem estava no poder. Porém, é importante lembrar que não só os grandes liam. A pequena parcela da população alfabetizada buscava na leitura informação, entretenimento e padrões a serem imitados, afinal, "O desenvolvimento do romance brasileiro, de Macedo a Jorge Amado, mostra quanto a nossa literatura tem sido consciente da sua aplicação social e responsabilidade na construção de uma cultura." (CANDIDO, 2012, p. 434). Afinal, era uma nova classe social que se elitizava e era necessário demonstrar conhecimento intelectual, pois era uma questão de status.

Tendo em vista que diante da nação emancipada, era importante pensar em arrumar essa "nova casa", fazer um balanço do que aqui fora proposto até então. Sabendo que a língua é uma espada de poder, primeiramente foi pensado a respeito da importância da construção identitária. Afinal, quem éramos nós, brasileiros, nesse período? O que e como falávamos? O que líamos e como nos construíamos como sociedade? Nessa dialética, textos foram escritos, histórias lidas e relidas, muitas publicadas em folhetins ou então traduzidas – e mesmo trazidas – da Europa. Nesse contexto, há de se levar em conta já o trabalho do escritor, atento às oportunidades que apareciam para ter seu reconhecimento público. Entre os que liam, autores brilhavam com suas histórias cheias de reviravoltas, muitas vindas direto da Europa ou então traduzidas no Brasil. Bem acabadas ou não, fizeram sucesso porque apresentavam enredos envolventes, dinâmicos. Meyer postula que,

(...) numa época em que a ficção estava na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em séries se houver mais textos e menos colunas (MEYER, 1996, p. 58).

3. Teixeira e Sousa e seu contexto de produção: o alcance dos folhetins

Ler se transformava em construir sentidos, treinando narrativas pequenas, medianas ou longas. Era um grau de estudos. Assim sendo, estudar Literatura é também mergulhar no contexto de produção. E é justamente esse contexto que nos chamou a atenção durante a leitura de "O filho do pescador", do, até então, desconhecido ou adormecido escritor, Teixeira e Sousa, que no dizer de José Veríssimo é o primeiro escritor brasileiro de romance, portanto o criador do gênero aqui discutido. (VERÍSSIMO,

1998, p. 235).

O presente artigo tem como objetivo trazer à luz da academia o escritor Teixeira e Sousa, como o primeiro a construir um romance no Brasil. Postula, ainda, discutir perspectivas estéticas do romance-folhetim “O filho do pescador”, como uma mídia impressa a serviço da construção de um perfil para o leitor do final da primeira metade do século XIX.

Ao apresentar ao público uma narrativa carregada de digressões, peripécias, redenção e moral dos fatos, Teixeira e Sousa oportunizou a jovens, semi-letrados e mulheres o contato e o gosto pela leitura literária, através da mídia-jornal, linguagem de fundamental importância naquele período, pelo fácil acesso de alcançar o texto. O folhetim trouxe à tona a liberdade de criação e do fazer literário com função comercial, tornando o autor conhecido pelo público leitor do século XIX.

É importante ressaltar que apesar de os jornais circularem também no meio doméstico e familiar, a princípio apenas como forma de deleite para as moças¹, passaram também a chamar a atenção dos barões da elite burguesa, pelo teor dos textos publicados nos folhetins. Afinal, por que esses textos entretinham tanto? Qual a receita para o sucesso de vendagem? O que estariam disseminando?

O alcance dos jornais gera uma preocupação com aquilo que estava sendo difundido e torna-se ponto de questionamento sobre o tipo de leitura adequado às moças das “boas famílias”. Como lembra Jinzenji,

Para analisar as primeiras décadas do século XIX, além dessa noção ampliada de educação, é necessário considerar que a ação educativa era exercida por várias “instituições”; concomitante à escola, os meios/espacos não escolares de formação tiveram importante função na transmissão de valores, comportamentos e na difusão de conhecimentos (JINZENJI, 2010, p. 25).

Apreendendo os periódicos como espaços de performances literárias, passa então a ocorrer uma espécie de censura aos textos publicados no rodapé dos jornais – os folhetins – agora ainda mais acirrada do que no período logo após a chegada da família real. Apesar disso, e – talvez por isso mesmo – os folhetins passaram a ser a “menina dos olhos” dos editores da época, numa receita que tinha como ingredientes uma mistura de amores proibidos, extração da moral dos fatos, peripécias e digressões. Com narrativas envolventes, muitos autores, consagrados ou não, passaram a figurar entre as leituras mais disputadas da época. Ganhavam os editores, os escritores e os leitores, mesmo com o olhar vigilante da censura. Afinal, “Se o Brasil era uma nação, deveria possuir espírito próprio como efetivamente manifestara pela proclamação da Independência; decorria daí, por força, que tal espírito deveria manifestar-se na criação literária, que sempre o exprimia, conforme as teorias do momento.” (CANDIDO, 2012, p. 313). Tratava-se de uma argila ganhando forma e esse produto-sociedade deveria se encaixar nas medidas pensadas pelo governo – um artesão cheio de ideias, mas em início de carreira.

O contexto de produção fervia e ansiava por novos colaboradores, disputados pelo mecenato. Entra em cena Teixeira e Souza. Nascido em Cabo Frio, em 28 de março de 1812, filho de pai português e mãe negra, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, de origem humilde, vê a precária condição financeira da família agravar-se com a proclamação da independência do Brasil. Como consequência, é obrigado a interromper os estudos de Latim para dedicar-se à profissão de carpinteiro, o que lhe garantiria algum sustento. Dividindo-se entre o trabalho e a leitura, vê sua família se esvaír. Perde cinco irmãos e o pai e, vendo-se sozinho – não há notícia da data de falecimento da mãe

¹ A princípio, parecia que o universo das moças da época resumia-se apenas a bordados, enxovais e afazeres domésticos e que assuntos como política, jamais viriam a interessá-las. Estudos de gênero vão na contramão dessa ideia. A mulher, apesar dos processos de assujeitamento impostos pela sociedade, escapava a esse patriarcalismo, como o que expressavam em seus “cadernos-goiabada” ou nas publicações que vieram a fazer tempos depois. Sobre isso, Mary Del Priore nos apresenta um panorama da condição da mulher em seu livro, *História das Mulheres no Brasil*.

–, retoma os estudos com os poucos bens herdados. Liga-se ao tipógrafo, livreiro e fundador de *A Marmota Fluminense*, Francisco de Paula Brito – o mesmo que também abriu as portas a Machado de Assis, ainda um aprendiz.

Teixeira e Souza conhece a intelectualidade da época e começa a escrever “profissionalmente” (grifo nosso). No entanto, seus textos não lhe rendem a fama desejada e o reconhecimento rápido dos homens das letras, embora seja bastante lido pelo público a que se destina seu romance. Experimenta desde o teatro à poesia², mas é com a publicação de seus textos em folhetins que consegue chamar a atenção do público leitor e do governo, este não com muito bons olhos. Casado e falido, emprega-se no governo como escrivão da primeira Vara de Juízo do Rio de Janeiro, cargo concedido a pedido de um amigo, o ministro Nabuco de Araújo. Possuído por um grande desejo de escrever, vai à busca de seu sonho. Atento ao contexto de sua época, acompanhou a construção de um Brasil que tinha tudo para dar errado, pois já começou em dívidas, mesmo antes da proclamação da independência. Era a necessidade de o governo criar uma nação e de determinar padrões de comportamento para os que dela fizessem parte. Dessa forma, o escritor procurou se equilibrar entre sua criatividade inspirada na realidade e o discurso pregado pelo governo. O importante era ganhar dinheiro e entre as opções, escrever para o público pareceu-lhe a mais tentadora.

² É importante lembrar que o momento histórico era favorável aos mecenas que, numa espécie de “caça-talentos”, investiam em escritores com potencial de venda.

4. O filho do pescador, um romance-folhetim

E é justamente nesse contexto que vamos encontrar Teixeira e Sousa. Não o poeta, o teatrólogo ou o romancista. E sim o autor d’ “O filho do pescador: um romance-folhetim, apresentando ao público, em 1843, tecendo a saga da personagem Laura. De acordo com Hebe Cristina da Silva³, Teixeira e Sousa tinha consciência de que naquela época a maioria dos seus leitores eram jovens brancos. Em pesquisa para sua tese de doutorado, Silva salienta que antes de ser publicada em livro, a história de Teixeira e Sousa foi grande sucesso de público no folhetim, tendo sido publicada no periódico “O Brasil”, de Francisco de Paula Brito. Silva localizou publicações da época que fazem referência a “O filho do pescador” como sucesso de público, conforme podemos observar no excerto que se segue:

³ Pesquisadora da obra de Teixeira e Sousa, em palestra sobre o bicentenário do referido autor, em Cabo Frio em 27 de março de 2012.

O Filho do Pescador

Todo o publico conhece tão bem como nós, o - Filho do Pescador - um dos primeiros romances sahidos da fecunda imaginação do Snr. Teixeira e Sousa (hoje escrivão do Juizo Commercial: romance tão procurado como desejado.

Pois bem, o vasio que existia entre nós pela falta de exemplares d’essa engenhosa producção, nós vamos agora preencher fazendo uma nova edição da que foi impressa em nossa typografia.

Começaremos portanto a dar aos assignantes da *Marmota*, no próximo numero o mesmo folhetim que o periodico *Brasil* deu aos seus, em um dos mais bellos períodos de sua não curta existencia.

Correcto que pela mesma Penna que o escreveu, é de esperar que o - Filho do Pescador - seja tão feliz em 1859 como foi em 1842 e 1843. (*A Marmota*. Rio de Janeiro: Typografia de Paula Brito, 14 de junho de 1859) você encontrou isso no texto da Hebe? Então a fonte deve ser ela(Sic). (SILVA, 2005)

É de se estranhar que um escritor de tamanho sucesso no século XIX não tenha seu merecido reconhecimento, cuja voz permanece ignorada e esquecida pelo

cânone. Talvez tenhamos apenas analisado um aspecto da produção de Teixeira e Sousa – o de romancista e poeta. Deveríamos olhá-lo também como um folhetinista que buscou consagração junto ao público leitor de sua época, com seu culto da peripécia, sua digressão, a crise moral e a extração da moral dos fatos, características básicas de qualquer texto do gênero e que pode ser percebida durante a leitura do livro, ou seja, um autor que escreveu o que iria vender, sem se preocupar em agradar ao governo e receber dele o patrocínio desejado, uma vez que já havia tido seus textos desprezados pelo poder público. O fato é que Teixeira e Sousa buscou se inserir no contexto de produção da época, inclusive apresentando o discurso pedagógico⁴ para não destoar inteiramente da – falsa – moral vigente. Já no início de seu texto, numa espécie de conversa com o leitor – que depois será tão bem trabalhada em Machado de Assis – Teixeira e Sousa apresenta para o leitor o que será a vida de Laura e como aprender com ela. Através de uma carta dirigida a Emília⁵, confessa que aceitou a ideia de publicar um romance em prosa, como ele mesmo escreve:

Que tarefa! Um romance para uma senhora casada e mãe; para um marido e pai, e enfim para dois jovens! De quantos sei, nenhum conheci digno disso, e este de que lanço mão é só em falta de outro melhor. Vós julgá-lo-eis. Como minha verdadeira amiga e próxima parenta, conto com a vossa indulgência: quando não puderdes combinar com o meu modo de pensar, rogo-vos, pois, uma história, que me hão contado (SOUSA, 1997, p. 01).

Percebe-se, no trecho destacado, um autor ligado ao que poderia vender. Num tom de fofoca – ou como queiram: conversa ao pé do ouvido – numa possível história real que lhe contaram, dá o ponta-pé inicial ao texto e se apresenta humilde para as possíveis críticas, chegando mesmo a registrar uma espécie de parceria com o leitor, em trecho posterior: “Escrevo para agradar-vos; junto aos meus escritos o quanto passo de moral, para que vos sejam úteis; junto-lhes as belezas da literatura, para que vos deleitem. Não corrijo este meu escrito, porque essa honra vós lhe fareis!” (SOUSA, 1997, p. 01). Interessante ressaltar que esse convite ao leitor faz com que este pactue com o texto e se torne um parceiro nesse processo de escrita: produto + interesse = público consumidor satisfeito. Ao longo da narrativa, Teixeira e Sousa brinda o leitor com um perfil de mulher bem oposto aos padrões desejados para a época. Uma mulher que foge de casa com um homem, ainda no início da adolescência, tem um filho que lhe é roubado bebê, tem amantes, apaixona-se por um rapaz bem mais jovem – e neste ponto o autor sugere um incesto: seria ele o filho perdido? – arquiteta mortes e continua, mesmo com o passar dos anos, bela e sedutora, bem consciente de si. Vejamos, pois:

Foi muito tarde que Augusto reconheceu a sua falsa posição de marido; foi muito tarde que quis ostentar a sua autoridade ou supremacia conjugal! Muito tarde, porque a talentosa Laura respondendo-lhe com uma galhofeira risada, ofereceu-lhe galantemente as suas saias justas em troca de seus calções! [...] Cumpre acrescentar que ao mais leve aviso que seu marido lhe fazia, e ainda com carinhos, ela tornava-se de fogo. Já vedes, era uma moça de talento! (SOUSA, 1997, p. 37).

Como se pode perceber, o discurso do pai para com o filho emerge na situação vivida por Augusto. Numa época em que se buscavam mocinhas ingênuas, doces, delicadas e dedicadas à família como um modelo a ser seguido pela sociedade, a personagem Laura se mostra dona de si, de suas vontades. Dissimula nas conquistas, porém acaba deixando claras as suas intenções puramente de satisfação pessoal, de mulher

⁴ Discurso pedagógico aqui se refere ao processo de construção de uma sociedade modelar, de acordo com os interesses do governo, que trazia a segregação de classes, o poder nas mãos de uma elite burguesa e às mulheres, era concedido o silêncio, a submissão e o espaço privado de seu quarto.

⁵ Entendemos aqui que Emília estaria apenas servindo de interlocutor fictício, pois na verdade o autor se dirige a seu público leitor, formado basicamente por jovens, homens e mulheres letrados ou semi-alfabetizados, na primeira metade do século XIX em que discursos pedagógicos e a ficcionalização da vida cotidiana vinham contrastar com a realidade da época. Trata-se de uma sociedade ainda sem norte, em meio a turbulentas transformações no campo político.

mimada e manipuladora, que tem consciência de seu poder de sedução.

Numa narrativa que conquista o leitor, o autor bem ao gosto do romance-folhetim vai encadeando elementos que prendem a atenção e aguçam a curiosidade: como terminará a personagem Laura? Além das digressões, em que o autor muda o foco do texto para pontos aparentemente sem função, há também retomadas de situações ou mesmo uma espécie de balanço dos acontecimentos, buscando reconquistar aquele leitor que se encontrasse enfasiado, como podemos observar no seguinte trecho:

Há pouco existia um mancebo que se julgava feliz, que era rico, forte, robusto e que vivia no centro do prazer! Pouco depois um moribundo, e agora um corpo sem vida! Oh! Uma morte súbita! Como é doloroso! Que resta? Um corpo sem vida e uma família desolada! Em pouco mais de um ano, quantos acontecimentos! Umas núpcias, o natalício de um marido, o natalício de uma mulher, um incêndio e uma morte! E, pois... não são cinco festins? (...) E o que resta? Uma família desolada, uma viúva em luto, a dor dos parentes e a saudade dos amigos! (SOUSA, 1997, p. 42).

Trata-se de uma interessante leitura. Tendo em vista o fazer literário da época, os métodos e meios de divulgação, Teixeira e Sousa conseguiu alcançar seu objetivo de trazer a público sua narrativa "O filho do pescador" e o folhetim teve papel relevante para oportunizar isso.

5. A importância do papel da mídia folhetim: muito além de tornar conhecidos os escritores.

Idas e vindas, reviravoltas na narrativa, novas paixões. Que outro gênero textual poderia proporcionar tamanha dinamicidade à época senão o folhetim? Laura, uma sedutora, uma verdadeira Eva, que com suas artimanhas de serpente jamais poderia ser o padrão de mulher de uma sociedade, cujo governo queria moldar e que os autores pregavam no Romantismo, não podia ser comparada às mocinhas ingênuas do romance romântico. Talvez por isso, esse diferencial encontrado em "O filho do pescador" conquistava o público, que não se reconhecia nas descrições do Romantismo. Lembrando quem eram os leitores da época, enredos um pouco mais picantes chamavam a atenção e cumpriam sua função: entreter o leitor e enriquecer o escritor.

O folhetim fez sua parte: alavancou a vendagem dos periódicos, consagrou escritores, entreteve e deleitou o público e deixou as elites em estado de alerta. Em outra linguagem, outra mídia, ajudou a construir um perfil de leitor e a mostrar a força das narrativas, independente do meio de divulgação. Assim como Teixeira e Souza, sem voz que ecoa no cânone, apesar de todo o sucesso à época de suas publicações, pensamos também em quantos outros necessitam que seus textos sejam revigorados e revivescidos. A mídia cumpriu seu papel.

ABSTRACT

This communiqué i This communiqué intends to discuss the esthetic perspectives of the "feuilleton" supplement "O filho do pescador" (The son of the fisherman), by Teixeira e Sousa, printed material, which intended to build a profile for the reader at the end of the first half of the 19th century. Upon presenting a narrative to the public filled with digressions, adventures, redemption and moral lessons, Teixeira e Sousa provided young people, the semi-literate and women contact and taste for literary reading through newspaper media, a fundamental language for that period due to its easy access and ability to understand the text. The feuilleton brought to light the freedom of creation and of literary production

with a commercial function, making the author known to the reading public of the 19th century. With this, it is valid to ask why it is that Teixeira e Sousa is found without voice that echoes in literary history. Would the piece be in need of a revival in the literary manuals, not as a precursor of Brazilian Romanticism, rather as a successful feuilleton? For this analysis, we will use the postulates of Marlyse Meyer and Mônica Yumi Junzenji on the feuilleton's structure, on printed culture and on women's education in the 19th century.

Keywords: feuilleton; Teixeira e Sousa; literary production

Referências

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Cia das Letras, 1996. 2ª edição.

SILVA, Hebe Cristina da. . Considerações acerca da Recepção de O Filho do Pescador, de Teixeira e Sousa. *In: Encontro Regional ABRALIC 2005.*, 2005, Rio de Janeiro-RJ.. CD Rom Encontro Regional ABRALIC-2005., 2005. Disponível em < <http://www.caminhosdo-romance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/consideracoes.pdf> >.

SOUSA, Antônio Gonçalves Teixeira. **O filho do pescador**. Rio de Janeiro: Artium, 1997.
VERÍSSIMO, José. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Record, 1998.